

ANÁLISE DAS DENOMINAÇÕES PARA ‘PROSTITUTA’ E ‘MARIDO ENGANADO’ EM PERNAMBUCO: O QUE PENSAM HOMENS E MULHERES A RESPEITO?

Edmilson José de Sá

Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA)

Universidade de Pernambuco (UPE)

Resumo: Esta pesquisa tem o intuito de analisar alguns aspectos da linguagem falada em Pernambuco numa perspectiva sociolinguística. Para isso, de um *corpus* já existente, foram selecionados os dados referentes ao convívio e ao comportamento social. O objetivo do trabalho em tela é verificar até que ponto homens e mulheres detêm o maior número de variantes para itens como *marido enganado* e *prostituta*, ao mesmo tempo em que se pretendeu compreender o índice de não respostas computadas na pesquisa realizada nos vinte municípios para a construção do Atlas Linguístico do Estado e em cinco comunidades quilombolas. Acreditava-se em um número maior de variantes para o item *prostituta* na fala de informantes masculinos e casos omissos para os femininos, sendo esses os responsáveis pelo índice de variantes para *marido enganado*. Porém, ao contrário de Aragão (2012; 2014), os índices mais elevados de variantes para os dois itens lexicais couberam à mulher, assim como as não respostas. A interpretação dos dados ficou a cargo dos pressupostos teóricos sobre a interface linguagem e gênero preconizados por Fischer (1958), Labov (2006) e metodologicamente tratados por Milroy & Gordon (2003). Considerando, ainda, que os resultados apontados poderiam se confirmar em outros trabalhos de mesma natureza, é possível estabelecer comparações com outros falares e, assim, auxiliar nas conclusões sobre a variação diagenérica no Estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Gênero; Léxico; Prostituta; Marido Enganado.

INTRODUÇÃO

Estudos relacionados à descrição linguística não são recentes e comungam de várias perspectivas tais como a sociolinguística, a dialetologia e etnolinguística.

A primeira permite que elementos sociais expliquem a heterogeneidade da língua, a segunda pode identificar realizações em vários modos responsáveis pela estrutura da língua e a terceira perspectiva permite que se compreenda até que o ponto a variação da língua se posiciona numa determinada cultura.

A proposta para este trabalho procura usufruir de um *corpus* usado em uma pesquisa dialetal, para a qual são determinados alguns critérios sociais na escolha do falante, o que poderá ser um dos caminhos para interpretação dos dados coletados.

No âmbito do léxico, foram escolhidos dois itens pertencentes ao campo semântico comportamento e convívio social, o *'marido enganado'* e a *'prostituta'*, por serem exemplos estereotípicos de pessoas de gêneros opostos. Para tanto, com as respostas coletadas na pesquisa para o Atlas Linguístico de Pernambuco e para o Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano, pretende-se observar até que ponto o gênero é fator condicionante para explicar o número de variantes encontradas ou, até mesmo, a omissão das respostas. À análise qualitativa também serão acrescentados pontos de vista encontrados em teóricos como Fischer (1958), Labov (2006) e Milroy & Gordon (2003), sobre a relação da linguagem com o gênero do falante.

Com o auxílio de resultados encontrados em outros trabalhos concluídos no país, será possível também fazer confrontos entre os posicionamentos apresentados e contribuir, assim, para entender melhor como fala e o que fala o povo brasileiro.

1 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Toda língua é um conjunto de variedades e essas variedades constituem-se em objeto de investigação de várias ciências. Por isso, ao conceituar esse objeto, Dubois (2007) afirma se tratar de um sistema de signos, cujo funcionamento é regido por muitas regras e coerções. Ela é o código que estabelece a relação de comunicação entre o receptor e o emissor. Já o dialeto é uma forma de língua, usada num local restrito, que possui um sistema léxico, sintático e fonético próprio.

O estudo sobre os dialetos nasceu por volta do século XIX e o interesse por tais dialetos surgiu através da vontade dos próprios linguistas em registrar e descrever essas diferentes variedades linguísticas regionais e da tendência dos eruditos pelas manifestações da cultura local ou regional.

Chegou-se, então, à dialetologia, que analisa a relação existente entre a língua e o espaço geográfico. Para esse propósito, os teóricos usufruem do método da geografia linguística, de modo a unificar os dois interesses, o de estudar a língua de uma dada região e entender a variação existente numa localidade dessa região em detrimento de outra, o que se verifica através da conclusão de *atlas linguísticos*.

Inspirados em trabalhos elaborados na Europa, mais especificamente na França e na Itália, outros países passaram a adotar a mesma linha de pesquisa para descrever geograficamente o comportamento – variável ou não – de sua língua materna.

No Brasil, por exemplo, a partir do fim da Primeira Guerra, já eram encontradas análises do pensamento brasileiro e de suas manifestações culturais. Essa era a deixa para outro campo de pesquisa de grande relevância para o país sair do papel, a descrição da língua falada.

Então, surgiu o primeiro trabalho estadual de natureza dialetal à luz da geolinguística elaborado por Nelson Rossi em 1963, que ele chamou de *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. A partir daí, outros passaram a sair da mente de linguistas brasileiros e têm servido de base para outros ainda em fase de elaboração.

Foram elaborados, então, os atlas linguísticos de Minas Gerais (EALMG – 1977), da Paraíba (ALPB – 1984), de Sergipe (ALSE – 1987), do Paraná (ALPR – 1994), da Região Sul (ALERS – 2002), de Sergipe – II (ALSE II – 2005), o sonoro do Pará (ALISPA – 2004), do Amazonas (2004), do Paraná – II, do Mato Grosso do Sul (ALMS – 2007), do Ceará (ALECE – 2010), de Goiás (ALIGO – 2012), de Pernambuco (ALiPE – 2013) e do Amapá (ALAP – 2017).

Em fase inicial ou adiantada de pesquisas ou de elaboração, já se tem notícia de seis atlas estaduais, o do Espírito Santo, do Maranhão, de Alagoas, do Rio Grande do Norte, de Rondônia e do Pará. Nas bibliotecas das universidades e dos pesquisadores, também são encontradas dissertações e teses já concluídas ou em andamento focalizando atlas de menor domínio.

Além da Dialetologia, a língua também pode ser estudada na perspectiva sociolinguística, *termo* usado para conceituar o estudo

da língua em seu contexto social, ou seja, trata-se de um campo de investigação que descreve todas as áreas do estudo da relação entre língua e sociedade.

Para Romaine (1994), a sociolinguística passou ser nomeada em meados dos anos 50, quando linguistas e sociólogos discutiam questões sobre as influências da linguagem na sociedade e o contexto social da diversidade linguística.

Holmes (1992) vai mais além quando preconiza que o objetivo da sociolinguística é mudar para uma teoria que proporciona um perfil do modo como a língua é usada em uma comunidade e das escolhas que as pessoas fazem quando usam essa língua.

Mesmo com as análises linguísticas de cunho social terem iniciado a partir dos anos 50, a chamada *Teoria da Variação* foi desenvolvida anos depois a partir da proposta de Labov, Weinreich & Herzog (2006), na qual se atribuiriam valores sociais às regras linguísticas, plenamente variáveis.

Nas palavras de Labov (1983), a *Teoria da Variação* busca estabelecer conexões entre grupos sociais e variedades de uso linguístico, além de alcançar a direção da mudança nas bases sociais, ou seja, em termos sociolinguísticos, é ínfima a possibilidade de que alguém produza uma sentença agramatical.

Com o começo da sociolinguística, alguns teóricos têm tentado diminuir o preconceito, justificando que a diversidade é inerente à linguagem. Destarte, todas as línguas e suas variedades são similarmente abstrusas e eficientes para o aprendizado das funções a que se designam, ou seja, nenhuma língua ou variedade dialetal deve conferir barreiras cognitivas na percepção e na produção de enunciados.

No caso dos estudos pioneiros de Labov sobre a variação existente na ilha Martha's Vineyard, ficou claro que uma mudança parecia estar acontecendo distante do padrão linguístico da Nova Inglaterra, pois se associavam a falantes conservadores e caracteristicamente pertencentes a Vineyard, sobretudo os pescadores de Chilmark.

Além de Labov, outros linguistas passaram a considerar o aspecto variável da fala das comunidades. Trudgill (1974), por exemplo, investigou como e por que o modo de falar das pessoas variava. Ele concluiu que um dado comportamento da fala de habitantes noruegueses se tratava de uma tradição antiga da fala, ao contrário das realizações encontradas na Inglaterra, onde ocorreu um processo de mudança no início do século XIX.

No Brasil, não são raras as pesquisas sobre a variação de língua portuguesa que se valem de veios sociolinguísticos para tecer explicações sobre o comportamento detectado. A partir das perspectivas teóricas de autores experientes,

são buscadas recorrências quanto à interferência de gênero, faixa etária, escolaridade, urbanização e os resultados têm sido igualmente relevantes.

2 O GÊNERO NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

A literatura tem verificado que o gênero representa um dos papéis cruciais na argumentação de que fenômenos linguísticos estão diretamente correlacionados a elementos sociais.

De início, convém argumentar sobre a terminologia gênero ao invés de sexo. Alguns autores justificam a preferência por gênero, por ser um termo mais adequado aos propósitos sociais, enquanto sexo parece ter uma conotação mais biológica (WARDROUGH, 2006, p. 315).

As distinções fonéticas encontradas na fala de homens e mulheres têm sido percebidas numa variedade de línguas e os estudos que verificam essa constatação não são tão recentes.

Os primeiros pontos de vista sobre o gênero enquanto variável social são encontrados em Fischer (1958), quando analisou a variação do ‘gerúndio’ em inglês e constatou que a realização velar é mais relevante em mulheres. Além disso, ele verificou que o temperamento do falante pode interferir na variação fonética.

Outros trabalhos surgiram com essa mesma intencionalidade, como, por exemplo, Labov (2006), que percebeu que o uso do *r pós-vocálico* era mais frequente em mulheres que em homens.

Para explicar as diferenças linguísticas quanto ao gênero, Labov (2001, p. 262) argumenta:

Ninguém pode negar que maridos e esposas, irmãos e irmãs estão envolvidos numa comunicação íntima na vida diária. Assim, o gênero é um poderoso fator diferenciador em quase todos os casos de estratificação de variação social.

Contudo, não foi apenas no nível fonético que o gênero foi relevante na variação linguística, pois em outros níveis como o morfossintático e o semântico-lexical, também se percebe uma distinção entre as variantes mais prestigiadas socialmente e as que não pertencem a essa classificação.

Lakoff (1973, p. 49) cita que as mulheres usam designações para cores tais como *lilás, bege, lavanda e magenta*, mas os homens não. Isso também foi percebido em adjetivos do tipo *adorável, charmoso, divino e doce*, que raramente são proferidos por homens.

No âmbito da morfossintaxe, alguns aspectos são observados quanto à concordância. Há indícios, inclusive, de que a marca de plural parece ser mais recorrente entre mulheres e diminui sensivelmente na fala dos homens.

Concernente aos trabalhos no português do Brasil, alguns podem ser citados conforme encontrado em Paiva *apud* Mollica & Braga (2004):

Mollica, Paiva & Pinto (1989) verificam uma supressão da vibrante na fala do homem, ao contrário da mulher, que manteve o segmento nos grupos consonantais (problema – pobrema; proprietário – propietário).

Enquanto Scherre (1996) verificou que a manutenção da marca de plural em São Paulo é maior por parte da mulher, Paredes Silva (2003) perceberam que a utilização de *tu* é mais comum na fala espontânea do carioca do que *você*, que é mais recorrente na fala das mulheres.

Diante do preterimento da variação de prestígio por parte do homem na maioria das pesquisas e dos elementos que diferem a sua linguagem da falada pela mulher, Holmes (1998) expõe algumas tendências sociolinguísticas que ele considera universais, como, por exemplo:

- a) As mulheres e os homens desenvolvem diferentes modelos de uso da língua;
- b) As mulheres tendem a focalizar as funções afetivas de uma interação mais frequentemente que o homem;
- c) As mulheres são estilisticamente mais flexíveis que os homens.

Para tentar confirmar ou refutar sobre os diferentes pontos de vista apresentados aqui em pesquisas que apontam o gênero do falante como importante aspecto condicionador linguístico, verificar-se-á se numa pesquisa mais recente como se posiciona o gênero diante de alguns casos de variação lexical em Pernambuco.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A análise aqui proposta se utiliza dos dados coletados nos corpora dos Atlas Linguísticos de Pernambuco. No intuito de verificar a correlação do gênero com as variantes para dois itens pertencentes ao campo lexical convívio e comportamento social, foram registradas as respostas dadas pelos falantes às perguntas do Questionário Semântico-Lexical nº 141 (Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?) e nº 142

(Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?).

Os inquéritos foram realizados em 20 municípios do Estado no trabalho urbano e 5 comunidades quilombolas no trabalho rural. Em cada um, foram entrevistadas quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, cuja faixa etária possuiu dois níveis, dos 18 aos 30 e dos 50 aos 65 anos, distribuídos equitativamente, com escolaridade máxima do 5º ano do Ensino Fundamental, salientando que, na capital, também foram realizados inquéritos com pessoas que concluíram o curso superior.

As variantes foram interpretadas à luz da dimensão diagenérica, tanto para compreender que designações o homem e a mulher conhecem, como também para analisar qualitativamente o índice de respostas válidas para cada gênero e buscar explicações para a omissão de respostas.

4 O GÊNERO NA FALA DO PERNAMBUCANO A PARTIR DAS DENOMINAÇÕES PARA ‘MARIDO ENGANADO’ E ‘PROSTITUTA’.

Mesmo sendo oriundos de dimensões histórico - socioculturais, gênero, sexualidade, identidade e orientação sexual, mesmo sendo altamente arrolados, se imbricam de modo complexo e dinâmico em várias dimensões sociais e promovem contribuições analíticas que analisem perspectivas transdisciplinares e, ao mesmo tempo, as considerem nos níveis da ética e dos direitos humanos.

Sendo assim, analisar a variação denominativa de ‘marido enganado’ e ‘prostituta’ vem coroar esse ponto de vista, visando à legitimidade da pluralidade de gênero, de identidade de gênero e da livre expressão afetiva e sexual.

4.1 ANÁLISE DAS VARIANTES PARA ‘MARIDO ENGANADO’

Em trabalho realizado por Aragão (2012) com dados registrados nas capitais brasileiras, são apontadas as seguintes variantes para ‘marido enganado’: *cornu* – *cornu manso* – *cornu de goteira* – *cornu valente* – *cornu caído* – *cornu de biqueira* – *cornu cururu* – *cornu cebola* – *cornu lagartixa* – *cornu pontual* – *cornu nervoso* – *cornu velho*. Além disso, também são apontados: *chifrudo* – *traído* – *galhudo* – *enganado* – *boi* – *levou gaia* – *cornudo* – *coitado* – *galheiro* – *cornélio* – *babaca* – *bundão* – *cabeça enfeitada* – *cangalha* – *peruca de viking* – *molambo* – *São Cornélio* – *pé de pano* –

barriga branca – touro – chifrério. Essas designações trazem motivações semânticas relacionadas à visão de mundo, costumes, tradições da região, formas humorísticas ou associadas a outras formas de chifre.

Em Pernambuco, foram registradas 103 respostas, que se dividiram entre os seguintes itens: *corno – traído – chifrudo – tem chifre – amante – marido traído – urso – raparigueiro – galinha – levou gaia – sem-vergonha – levou ponta – gaiúdo – coitado – pé-de-umbuzeiro – rasga-fronha – o outro*. Duas mulheres preferiram não responder à pergunta, dizendo apenas que não sabiam.

Em termos diagenéricos, as respostas se dividem da seguinte forma:

Quadro 1: Distribuição diagenérica das variantes para ‘marido enganado’ em Pernambuco.

VARIANTES	H	M
Corno	31	28
Traído	5	4
Chifrudo	9	9
Tem chifre	1	0
Amante	0	1
Marido traído	0	1
Urso	2	1
Raparigueiro	0	1
Galinha	0	1
Levou gaia	0	2
Sem-vergonha	0	1
Levou ponta	0	1
Gaiúdo	0	1
Coitado	0	1
Pé-de-umbuzeiro	0	1
Rasga-fronha	0	1
O outro	0	1
Total	48	55
Não souberam	0	2

Pelo quadro 1, a maioria das denominações para ‘marido enganado’ ocorreu para as mulheres, mesmo com duas informantes parecerem não saber a resposta. Assim, 46% das ocorrências válidas couberam ao homem e à mulher coube 53% das respostas.

4.2 ANÁLISE DAS VARIANTES PARA ‘PROSTITUTA’

Em um trabalho de Aragão (2014), foram registradas as seguintes variantes nas capitais nordestinas: *prostituta – rapariga – mulher da vida – quenga – meretriz – rameira – puta – piranha – mulher de programa – perdida – vagabunda – mulher de vida livre – mulher de rua – mulher de aluguel – mulher galinha – mulher gasolina – mulher cachorra – maria batalhão – mulher de tostão – mulher qualquer – mulher fácil – mulher de cabaré – mulher barata – mulher de zona – mulher que costura pra fora – safada – bandida – bregueira – bicheteira – garota de programa – rateira – gata – espingarda – cesta básica – messalina – mulher de vida fácil e vadia.*

Dessas 37 lexias encontradas, apenas cinco não foram mencionadas por homens: *perdida – mulher fácil – mulher barata – mulher que costura pra fora e bandida.*

As mulheres, por sua vez, denominaram as ‘prostitutas’ com quinze formas distintas: *prostituta – rapariga – puta – piranha – vagabunda – mulher de rua – mulher galinha – mulher cachorra – mulher fácil – mulher barata – mulher que costura pra fora – safada – bandida – garota de programa e mulher de vida fácil.*

Percebe-se que, nesse inventário registrado na fala de brasileiros residentes nas capitais, as motivações para tais designações advêm de conceitos de animais, conceitos financeiros ou relacionados à liberdade ou libertinagem com que trabalham as conceituadas ‘profissionais do sexo’.

Na pesquisa realizada para os atlas pernambucanos, as denominações foram: *prostituta – rapariga – puta – mulher da vida – vagabunda – mulher de programa – menina de programa – mulher sem vergonha – mulher safada – mulher que não presta – bandoleira – galinha – quenga – vadia – mulher fácil – mulher que ganha dinheiro fácil – mulher que vende o corpo – mulher vulgar – mulher de brega – mulher falsa – catraia – biraia – vigarista.*

Face à dimensão diagenérica, as vinte e três denominações para a ‘prostituta’ se distribuíram em 120 respostas da seguinte forma:



Quadro 2: Distribuição diagenérica das variantes para ‘prostituta’ em Pernambuco.

VARIANTES	H	M
Prostituta	25	25
Rapariga	10	9
Putá	10	6
Mulher da vida	1	4
Vagabunda	2	3
Mulher de programa	2	1
Menina de programa	1	0
Mulher sem vergonha	2	1
Mulher safada	1	1
Mulher que não presta	0	1
Bandoleira	1	0
Galinha	1	1
Quenga	1	1
Vadia	0	1
Catraia	1	0
Mulher fácil	0	1
Mulher que vende o corpo	0	1
Mulher vulgar	0	1
Mulher de brega	0	1
Mulher falsa	0	1
Mulher que ganha dinheiro fácil	1	0
Biraia	0	1
Vigarista	0	1
Total	59	61
Não soube	0	1

Ao contrário do que se esperava, o número de respostas denominativas para ‘prostituta’ foi superior para a mulher, com pequena diferença, o que pode ser explicado pelo número de respostas distintas dadas, em grande escala, pelo mesmo informante. Fazendo um comparativo com os dois estudos apontados, o número de ocorrências válidas foi mais registrado para a mulher do que para o homem nos

dois casos. Em termos mais específicos, o item ‘corno’ teve maior incidência na fala dos homens, cabendo, pois, à mulher maior criatividade, não para obscurecer sua reputação, mas para criticar alguém que tenha comportamento difamador de sua imagem. Além disso, a variação de itens lexicais para designar a ‘profissional do sexo’ talvez esteja relacionada muito mais às caracterizações dadas pela mulher traída à amante de seu marido do que às designações que ele mesmo a atribui.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforça-se aqui o intuito deste trabalho eminentemente geossociolinguístico, mais sociolinguístico do que geolinguístico, que visou apenas à apresentação do inventário lexical de tamanha riqueza conhecido pelos falantes das capitais brasileiras e, *a posteriori*, pelos falantes de Pernambuco, no que diz respeito a itens pertencentes ao *convívio e comportamento social* com a descrição dos dados separada pelo gênero do falante.

A análise aqui apresentada apenas serviu para corroborar com o que já se observa na sociedade. Enquanto o homem se expressa e age com uma postura que não o coloque inferior ao gênero oposto, a mulher busca mais envolver o interlocutor como atesta Tannen (1990).

O fato de haver mais ou menos denominações para o ‘marido enganado’ e para a ‘prostituta’ por parte do homem ou da mulher não deve coadunado com estereótipos antissociais.

O mais importante é, portanto, ter a consciência de que a língua é o meio pelo qual o homem expressa as suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, logo ela é um retrato de seu tempo. Cada falante é usuário e agente modificador de sua língua, não devendo julgá-la, mas imprimir nela marcas geradas pelas novas situações com que se depara e aos linguistas compete única e exclusivamente registrar essas marcas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes regionais e sociais para prostituta em capitais nordestinas: dados do ALiB. In: RASKY et al (orgs.) **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2014.

_____. Variantes Léxico-Semânticas de 'Marido Enganado' nas Capitais Brasileiras: Dados do Projeto ALiB. **Anais do II Congresso de**

- Dialetologia e Sociolinguística.** São Luís: EDUFMA, 2012.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2007.
- FISCHER, John. **Social influences on the choice of a linguistic variant.** Word 14.47-56, 1958.
- HOLMES, Janet. **An introduction to sociolinguistics.** London and New York: Longman, 1992.
- _____. Women's Talk: The Question of Sociolinguistic Universals. In: COATES, Jennifer (ed.). **Language and gender: a reader.** Oxford, 1998, p.461-483.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York City.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 2006. 2ª ed.
- _____. WEINREICH, Uriel & HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução para o Português de "Empirical foundations for a theory of language change" (1968), organizada por Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- _____. **Modelos sociolinguísticos.** Tradução espanhola de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors.** Cambridge: Blackwell, 2001. v.1.
- LAKOFF, Robin. **Language and woman's place.** New York: Harper & Row, 1975.
- MOLLICA & PAIVA, M. Da C. De & PINTO, I. I. Relações entre [l] [r] e [r] e [o] em grupos consonantais em português. In: **Relatório Final do Projeto Mecanismos funcionais do Uso Linguístico.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1989
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004.
- MILROY, Lesley & GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation.** Oxford: Blackwell, 2003.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.) **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2003. p. 160-169. v. 1.
- ROMAINE, Suzanne. **Language in society.** Oxford: Oxford University Press, 1994.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 239-264.



TANNEN Deborah. **You just don't understand:** women and men in conversation. New York: Wm. Morrow, 1990.

TRUDGILL, Peter. **The social differentiation of English in Norwich.** Cambridge University Press, 1974.

WARDHAUGH, Ronald. **An introduction to sociolinguistics.** Oxford: Blackwell, 2006.